

# CORPO, ESPAÇO E CONHECIMENTO EM POÉTICAS CONTEMPORÂNEAS DE MOÇAMBIQUE

## BODY, SPACE, AND KNOWLEDGE IN CONTEMPORARY MOZAMBICAN POETICS

Ana Ximenes Gomes de OLIVEIRA<sup>26</sup>

**Resumo:** O presente artigo se propõe analisar a poesia contemporânea em Moçambique, nas obras *Os Ângulos da casa*, de Hírdina Joshua, e *de terra, vento e fogo*, de Lica Sebastião, refletindo os novos ares e poéticas propostos pela autoria feminina no *corpus* literário moçambicano. Como nos lembra Leite (2009), a literatura, ou a poesia, ocupa um lugar de *forma-abrigo* na escrita, construindo, assim, um *locus* de ação e (re)existência para os sujeitos que se enunciam, bem como suas possibilidades de representação. Tal acepção corrobora com a reflexão, também, sobre o contemporâneo na literatura e, sobretudo, a *reinvenção da contemporaneidade*, mencionada por Noa (2015). Nesse âmbito, procura-se investigar como a poética dessas autoras constroem um diálogo entre o individual e o universal, o íntimo e o coletivo, o real e o ficcional, a partir das metáforas propostas do corpo, natureza e espaço. Além disso, as literaturas em tela provocam, também, a leituras que refletem a construção do conhecimento e os jogos de poder que esse processo epistemológico é contextualizado, construindo uma singularidade emancipatória enquanto projeto estético-literário identitário. Assim, além dos autores mencionados, propõe-se um estudo a partir das considerações críticas de Curiel (2020), Mbembe (2019), bem como de Manjate (2015) e Mendonça (1995), ponderando sobre as exposições do *eu* na poesia lírica e aspectos que abarcam a expressão poética contemporânea nesse território.

**Palavras-chave:** Hírdina Joshua; Lica Sebastião; autoria feminina; Moçambique.

**Abstract:** This article aims to analyze contemporary poetry in Mozambique through the works *Os Ângulos da Casa* by Hírdina Joshua and *de terra, vento e fogo* by Lica Sebastião, reflecting the new perspectives and poetics introduced by female authorship in the Mozambican literary corpus. As Leite (2009) reminds us, literature, or poetry, occupies a space of *form-shelter* in writing, thus constructing a locus of action and (re)existence for the subjects who articulate themselves, as well as their possibilities of representation. This conception also aligns with reflections on the contemporary in literature and, above all, the *reinvention of contemporaneity*, as mentioned by Noa (2015). In this context, the study seeks to investigate how the poetics of these authors construct a dialogue between the individual and the universal, the intimate and the collective, the real and the fictional, through the proposed metaphors of body, nature, and space. Furthermore, the literatures in question provoke readings that reflect the construction of knowledge and the power dynamics in which this epistemological process is contextualized, creating an emancipatory singularity as an aesthetic-literary identity project. Thus, in addition to the aforementioned authors, this study proposes an analysis based on the critical considerations of Curiel (2020), Mbembe (2019), as well as Manjate (2015) and Mendonça (1995), reflecting on the expressions of the self in lyrical poetry and aspects encompassing contemporary poetic expression in this territory.

**Keywords:** Hírdina Joshua; Lica Sebastião; female authorship; Mozambique.

---

<sup>26</sup> Doutora em Literatura pela UFPB, professora de Estudos Literários da Faculdade de Letras-UFAL.  
E-mail: ana.ximenes@fale.ufal.br

## Literatura de autoria feminina em Moçambique no contemporâneo

*a poesia é uma forma-abrigo, criada  
para compensar a desfasagem entre o eu e o  
mundo; a brecha criada entre ser  
e estar; entre o sujeito e a realidade social [...]*

(Ana Mafalda Leite)

Refletir sobre as literaturas de países do Sul-Global na contemporaneidade é uma complexa tarefa para a crítica do fim do século XX e primeiras décadas do século XXI, visto que, além de debater e questionar as condições pós-coloniais e analisar processos singulares de independência e pós-guerra nos territórios, também essa mesma crítica se encontra na tarefa constante de não realizar universalizações que ela mesma se contrapõe. Essa ponderação é ressaltada pela moçambicana Fátima Mendonça (1995), quando reflete sobre as condições de pós-colonialidade, em África, no contexto em que a literatura é pensada como um dos pontos centrais dos projetos identitários, como ocorre/ocorreu em Moçambique no projeto de moçambicanidade, ou em outros países africanos de língua portuguesa, considerando os contornos estéticos-ideológicos e estruturais particulares de cada país e período histórico. Nesse cenário, Francisco Noa aponta que “a obra de arte, além de constituir fator de libertação e de emancipação em relação ao supérfluo, no mundo desencantado que construímos, é ela que, em última instância, assegura cintilações de encantamento desse mesmo mundo” (Noa, 2015, p. 45).

É nesse sentido apontado por Noa (2015) que temos a arte como uma possibilidade de reconstruir um mundo para habitá-lo, o que torna as fronteiras da ficção, do imaginado, em diálogo tênue com o dito real. O autor ainda nos lembra da força de *suportar o insuportável* que a obra de arte proporciona, tensionando, sobretudo, as estruturas estéticas universalizadas, ou *valores estéticos universais*: “a arte vai se renovando continuamente, assumindo essa renovação como condição essencial da sua existência e denunciando a contingência das normas e dos valores estéticos” (Noa, 2015, p. 45).

A literatura contemporânea proporciona rompimentos e tensões que transcendem o âmbito da temática ou da autoria. Também as estruturas estéticas são reorganizadas, mostrando-se como estruturas estético-ideológicas. Ao ressaltar a localização política do Sul-Global, terminologia que denota países do Sul que experienciaram processos de colonização e descolonização (assim como o *pós-*) de formas heterogêneas e que, no

âmbito da arte, tradição e cultura, reorganizaram também seus projetos identitários, considerando a experiência colonial vivida e processos revolucionários, refletindo os demais processos de colonialidades advindas em concomitância ou sequência ao período histórico, pode-se perceber uma frutífera reflexão crítica e de compartilhamento que demonstra outras possibilidades epistemológicas de pensar a vida, o conhecimento, o tempo, a memória, os afetos, a identidade, entre outras categorias que compõem os sujeitos.

No caso do feminino, observa-se diversos movimentos de mulheres em suas organizações políticas e sociais que tensionam a própria tradição, reconstruindo lugares de ocupação, sobretudo, no literário, foco de nosso estudo. Em Moçambique, pontua-se que, com a democratização, após o acordo de paz que selou o fim da guerra-civil em 1992, a participação efetiva das mulheres nos campos políticos e sociais teve e vem tendo notória progressão. Casimiro e Andrade, feministas moçambicanas, mostram-nos esse panorama, destacando que “o trabalho desenvolvido no campo acadêmico não ficou isolado do movimento das mulheres feministas do campo de ação, produzindo-se **colaborações várias e tensões múltiplas**” (Casimiro; Andrade, 2007, p. 5, grifo das autoras).

Por isso, a questão do gênero no território supracitado vem ocupando cada vez mais agendas na sociedade contemporânea, tanto no âmbito acadêmico quanto no âmbito estrutural de políticas públicas, como a efetiva participação de centros de estudos que corroboram com a perspectiva de apontar as relações de gênero, suas desigualdades e reestruturações, diante de lutas e agenciamentos. Casimiro e Andrade (2007) salientam, ainda, as ações significativas do Núcleo de Estudos da Mulher (UEM), formado em 1988, no Centro de Estudos Africanos, e que desenvolve ações e Seminários, em conjunto com a UNESCO, para promover o protagonismo das mulheres em diversos campos do saber, bem como na organização social, questionando espaços pré-estabelecidos para o feminino na sociedade contemporânea e focalizando a necessidade de transgressões e avanços sociais que comportam a construção política do feminino. Além disso, Casimiro, em outro estudo, ao refletir sobre a questão da identidade como uma construção também social, destaca que

[q]ualquer caracterização dicotômica transporta consigo mecanismos de exclusão e marginalização. Quando a identidade é construída de modo unidimensional, e não como confronto de atributos partilhados e parte das relações sociais, conduz à marginalização de todos quantos não são incluídos nas categorias que são consideradas dominantes (Casimiro, 1999, p. 36).

Dessa forma, observa-se que, no campo da literatura, a escrita de autoria feminina historicamente traz para o âmbito ficcional as vozes de mulheres, dentro da sua multiplicidade de temas e falares, e a noção de identidades diversas que abarcam os sujeitos femininos e/ou a condição feminina em cada território. Partindo de uma perspectiva epistêmica de mulheres na literatura, podemos dialogar com vozes singulares que demarcam um lugar autônomo de relatar sobre si e sua perspectiva de compreensão do mundo. É possível observar um *locus* de atuação e transformação a partir da literatura, sobretudo, de autoria feminina no país, como visto nas vozes de Noêmia de Souza, Lília Momplé, Paulina Chiziane, entre outras desde o século XX até a contemporaneidade. Tais autorias trazem ao público-leitor uma voz poética que apresenta categorias literárias, como o corpo e o espaço, constituindo, também, um lugar de compreensão e reconstrução de si, dialogando com as demais categorias que tangenciam o sujeito que se enuncia a partir da literatura, bem como a meditação sobre o próprio fazer poético<sup>27</sup>, assim como nos diz Joshua, em seu poema intitulado *Fronteira*: “[...] não / Se procura um poema e encontrá-lo é engano. / [...] o poema / Não nasce, surge. Antecede a / Própria palavra, é o verbo do / Sangue das carnes mundanas e do / Insubmisso espírito humano” (Joshua, 2016, p. 55).

Na epígrafe deste artigo, Ana Mafalda Leite cita a poesia como um *corpo-abrigo*, um espaço de (re)existência; um lugar cambiante entre literatura e mundo, ou literatura e realidade. Em seu texto, a autora destaca que a literatura contemporânea, em Moçambique, encontra-se viva e pulsante, trazendo as singularidades das novas gerações de poetas, multiartistas e ficcionistas: “A qualidade dos textos de Ruy Ligeiro, Domi Chirongo, Dinis Muhai, Jorge Matine, Sangare Okapi e Tânia Tomé, entre vários outros, mostra como o panorama poético do país está em processo de renovação e de mutação” (Leite, 2009, p. 16). Aproveitando os nomes citados por Leite, destaca-se Tânia Tomé e Sônia Sultuane, ambas multiartistas contemporâneas, com publicações no Brasil entre outros países, que vêm estruturando uma produção poética perpassada por categorias como identidade, erotismo, memória, cultura, território e feminilidade, refletindo as várias Áfricas que lhes constituem.

---

<sup>27</sup> Freitas destaca o lugar da *meta-poesia* na literatura moçambicana de autoria feminina como uma recorrente: “Uma recorrência estética na escrita de autoria feminina em Moçambique é a meta-ficção e seus desdobramentos na poesia e na narrativa, ou seja, a meta-poesia e a meta-narrativa, respectivamente. Percebe-se, principalmente em textos de escritoras moçambicanas precursoras um eu-poético que se enuncia em primeira pessoa como uma voz a ensinar o *modus operandi* de apresentar o continente, o país, a nação, as mulheres africanas” (Freitas, 2018, p. 139).

Por ser algo em construção, percebe-se que o contemporâneo não oferece caminhos trilhados e definidos para as rupturas e (re)organizações do presente, o que mostra a pluralidade de escritas e estéticas literárias que se enunciam, revisitando questões pertinentes das identidades e retomando categorias de análise no escopo da crítica literária. Não obstante, ao verticalizar o olhar, observa-se como as tradições, oral ou escrita, agem na tradição estético-literária em cada sociedade histórica. Assim, sabemos que as produções contemporâneas não podem ser vistas como algo homogêneo e universal, considerando as experiências singulares em cada território aliadas com as tradições e culturas. Isso demonstra a necessidade de visões heterogêneas também para as literaturas e autorias. Contudo, chama a atenção a noção que perdura nos estudos sobre o contemporâneo em diversos países do Sul-Global, como nos estudos do Brasil que destacam como característica dessas literaturas a “inadequação” ou estranhamento com o presente ou com a realidade com que o(a) autor(a) ou a obra dialogam, o que, segundo o raciocínio apontado pela crítica, possibilita transgressões às barreiras que compõem o presente:

A literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por uma inadequação, uma estranheza histórica que a faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente, que se afastam de sua lógica. Ser contemporâneo, segundo esse raciocínio, é ser capaz de se orientar no escuro e, a partir daí, ter coragem de reconhecer e de se comprometer com um presente com o qual não é possível coincidir (Schllhammer, 2009, p. 10).

Ainda nessa trilha de discussão, na crítica moçambicana, Francisco Noa, sobre a arte e a sua função estética, acrescenta que, “tal como o homem, tal como as sociedades, a arte vai-se renovando continuamente, assumindo essa renovação como condição essencial da sua existência e denunciando a contingência das normas e dos valores estéticos” (Noa, 2015, p. 45). O moçambicano se debruça na discussão complexa sobre as funções da arte e discute o lugar mutável também na leitura e na *reinvenção do valor da arte*, inclusive as obras já consagradas tidas como “universais” no tempo e na história das literaturas. Assim, Noa complementa: “não só não podemos falar de normas e valores universais, como também estes não devem ser tidos como imutáveis” (Noa, 2015, p. 15). Contudo, cabe-nos aqui trazer para reflexão tal pensamento a partir do recorte do contemporâneo, visto que, na análise deste, destaca-se o lugar de singularidade das autorias em negociação com uma formação identitária.

Além dos(as) escritores(as) mencionados(as) inicialmente neste estudo como representantes de uma nova geração de escritores moçambicanos, dentre tantos(as) outros(as), sobressalta-se Hironcina Joshua e Lica Sebastião. Essas autoras são o foco do presente estudo e trazem uma poética heterogênea que transcorre sobre corpo, lírica, feminilidade, espaço, identidade, memória, entre outras categorias. Como afirma Joshua em seu poema: “Não escrevo para ser vista, escrevo para não ser vista. O / desassossego me embrulha. / Mas, não será a escrita a pior nudez? / Estou nua todos os dias que a grafia me busca” (Joshua, 2016, p. 77). Neste artigo, interessa-nos refletir sobre questões relacionadas ao reposicionamento do saber a partir de categorias como o corpo e o espaço que serão pontuadas na análise da literatura, dialogando com a feminilidade expressa pelo sujeito poético.

### **O espaço poético e a construção do saber em Hironcina Joshua**

O livro de estreia de Hironcina Joshua, intitulado *Os ângulos da casa*, publicado em Moçambique em 2016 e no Brasil em 2017, traz em destaque a metáfora da casa como espaço metafísico de reflexão e enunciação, subvertendo, também, a própria cristalização do espaço privado e doméstico e de sua representação ao feminino. A autora moçambicana faz parte da nova geração de poetas em seu país que tem a presença da autoria feminina de forma significativamente acentuada. Apesar de ser uma produção literária nova e em construção, algo próprio do contemporâneo, alguns autores na crítica, especificamente de Moçambique e de Brasil, já se debruçaram/debruçam no estudo de sua obra. Destaca-se a notoriedade de estudos acadêmicos, como os de Ana Mafalda Leite<sup>28</sup> e Teresa Manjate, entre tantas(os) outras(os) que se aprofundam nessa tarefa, árdua e importante, de pensar e analisar as transformações e enunciações provocadas pela literatura contemporânea, especificamente nos países africanos de língua portuguesa. Por isso, os estudos críticos se deparam, diariamente, com uma busca, quase inesgotável, de construir e (re)construir pressupostos e alinhamentos nas literaturas, propondo uma gama diversificada pela pluralidade de olhares e subjetividades críticas diante da obra de arte e de leituras investigativas que enriquecem o arcabouço teórico, unindo-se aos estudos interdisciplinares que questionam, também, as construções epistêmicas do mundo e da arte.

---

<sup>28</sup> Confira em: LEITE, Ana Mafalda; RIAMBAU, Vanessa. Da casa ao vácuo: a cartografia do espaço nos poemas de Hironcina Joshua e Mbate Pedro. Mulemba. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 11, n. 21, p. 175-183, jul./dez., 2019.

Na literatura de Hironidina Joshua, percebe-se a construção de uma estética poética em que o entendimento do ser e do mundo se dá pela reflexão do eu e de sua construção humana para o eu-lírico, trazendo uma enunciação questionadora, contemporânea e singular. Como é ressaltado no prefácio pelo escritor Mia Couto, o livro *Os ângulos da casa* apresenta ao(a) leitor(a) uma “poesia de natureza pessoalíssima, com tonalidades e ousadias invulgares que parecem querer, como ela mesma anuncia, ‘desnudar o vazio’” (Couto, 2016, p. 7). Tal desnudamento é percebido na obra como um mergulho do sujeito poético nas arestas existenciais, nas formulações de si com o mundo, ou do mundo com o indivíduo, e no processo profundo da escrita, como nos lembra a autora: “Há muito pudor na escrita. / Há muito poder na escrita. [...] Estou nua sempre que o verso me chega” (Joshua, 2016, p. 77). Esse mergulho apontado na escrita poética de Joshua nos faz retomar o que Noa (2015) aponta no âmbito de construção da literatura contemporânea moçambicana, ou o que ele aponta como *reinvenção do contemporâneo*: “nesse processo permanente de reinvenção da contemporaneidade, a componente de afirmação identitária sob o prisma de uma determinada especificidade existencial e cultural instituiu-se ela própria [...] como expressão de resistência” (Noa, 2015, p. 30).

No poema a seguir, pertencente à primeira parte do livro, intitulada homonimamente “Os Ângulos da casa”, propõe-se para análise neste artigo o lugar ambivalente do eu-lírico, sendo sujeito e espaço ao mesmo tempo, ou como parte de um todo que é também um todo em si, ressaltando além da construção metafórica da casa, que surge na obra desde o título até sua composição poética, também a relação metonímica entre indivíduo e mundo:

O corredor.  
Haverá dentro dele uma grande corrida?  
Ou cores ou corrimões ou coringas ou cordeiros ou cordas ou  
concordâncias?

A mão apressa-se para chegar entretanto não há destinos.  
A mão é solitária por natureza. E na sua solidão exerce o mundo. O  
mundo exerce nela a matéria da incompletude. Não é do escuro  
que a mão tem medo. A mão teme a cegueira da parede. A visão  
atômica da coisa branca.  
A mão em eterna construção cai no tempo. O tempo em eterna  
construção cai na mão.  
(Joshua, 2016, p. 16).

Nesse poema, a voz do eu-lírico parece refletir sobre uma condição ambivalente: ser o sujeito e o espaço, ou o sujeito e *seu* próprio espaço. Nessa relação cambiante, em que o indivíduo que se enuncia no poema reflete sobre o seu peso no todo, abstraindo o universo que o circunda, observa-se um diálogo entre o sujeito e o universal, entre o individual e o coletivo; um reposicionamento de ocupar o mundo, tendo a casa como um microcosmo. No paralelismo do terceiro verso, tem-se termos que são refletidos pelo eu-lírico para compor a imagem do corredor, entendendo este termo pela sua possibilidade de duplo sentido, um sujeito-espaço, ou seja, aquele que executa a ação, bem como o próprio espaço da ação. A aliteração com a oclusiva surda provoca ruídos explosivos, abruptos; um som que impacta momentaneamente a leitura. Sobre a expressividade na Estilística, Martins (1997) lembra que “as consoantes oclusivas, pelo seu traço explosivo, momentâneo, prestam-se a reproduzir ruídos duros, secos, de batidas, pancadas, passos pesados [...]. Saliente-se que as surdas ([p], [t], [k]) dão uma impressão mais forte, violenta [...]” (Martins, 1997, p. 34). Além disso, as palavras “cores”, “corrimões”, “coringas”, “cordeiros” e “cordas” trazem simbologias entre a força, a resistência, o renascimento, o paradoxo e a energia múltipla. Assim, a voz que se enuncia no poema localiza-se no entre-meio, no diálogo constante da experiência individual e o campo de ação, um território metaforizado para reconstruir um novo pensamento, destituído de invasões.

Nazir Can, em seu estudo sobre o campo literário em Moçambique, assinala que “personagens, tempos e espaços, isto é, as três categorias que sintetizam a existência, são alvo de um avassalador processo de estereotipagem que legitimou no plano simbólico a invasão, a violência ritualizada e a dominação territorial” (Can, 2020, p. 22). Nessa perspectiva, o espaço é uma categoria limiar de contraposição ao imaginário que foi historicamente demarcado pela estratégia do colonialismo e seu projeto de dominação. O crítico destaca de forma panorâmica como as literaturas de diversos países africanos, especificamente de língua portuguesa, o que neste estudo é direcionado para Moçambique, reorganizaram as representações de personagens, trouxeram ao relevo a temporalização inscrita na literatura de múltiplos períodos históricos e acolheram espaços ora não “visitados” ora redimensionados fora de um olhar colonial (Can, 2020). Por isso, ainda segundo o autor, o espaço, como categoria no campo literário, é construído “(e por vezes se confunde) com as personagens, adquire vocação histórica e situa-se, por tudo isso, no plano da metonímia, da metáfora, da fábula, da personificação e do dialogismo” (Can, 2020, p. 23).

No poema “O corredor”, ressalta-se uma confluência com essa perspectiva metaforizada do espaço, bem como seu entrelaçamento com a construção do sujeito poético. É possível destacar que Joshua apresenta deslocamentos na construção desse eu-lírico que transparecem os deslocamentos espaciais e temporais sinalizados pela constância do movimento do texto poético. Além disso, observa-se no uso metonímico da palavra “mão”, a partir da segunda estrofe, uma consciência de autonomia para construir sua historiografia, sua percepção do mundo, o que promove uma ocupação epistemológica para pensar o mundo no lugar de escrita. Assim, o sujeito poético que é personagem (um *corredor*), além de ser também o espaço (o *corredor*), é, sobretudo, aquele que, em sua ‘solitude’, escreve o mundo dialogicamente no campo poético, possibilitando um deslocamento da visão essencialista, construída pela visão de fora, pela visão do “mundo”, e demarcando sua posição de autodefinição: “A mão apressa-se para chegar entretanto não há destinos. / A mão é solitária por natureza. E na sua solidão exerce o mundo. O mundo exerce nela a matéria da incompletude.” (Joshua, 2016, p. 16). Na esteira das reflexões sobre essas reformulações epistemológicas e estratégias, além das metodologias de reorganizar o pensamento e a formação deste, a dominicana Curiel (2020) aponta que

[a] reflexividade da visão decolonial não é apenas sobre nos autodefinir na produção de conhecimento, mas também sobre produzir um conhecimento que leve em conta a geopolítica, a “raça”, a classe, a sexualidade, o capital social e outros posicionamentos. Precisamos também pensar em perguntas-chave como: conhecimentos para quê? Como produzimos conhecimentos? Essa produção é feita de acordo com que projeto político? Em que quadros institucionais e políticos os estamos produzindo? (Curiel, 2020, p. 131).

Na análise da poesia de Hírdina Joshua, coloca-se em destaque um entendimento do “externo” e “interno” contido em um único ser, partindo da centralidade da experiência para a apreensão existencial. No poema supracitado, o eu-lírico apresenta uma curva reflexiva para retornar – metaforicamente – ao social como sujeito de ação e autonomia. Essa reflexão, identificada no poema, converge com os questionamentos apontados por Curiel, ao provocar a produção do conhecimento, o que vai além do processo autônomo de autodefinição do sujeito e é este movimento problematizador que se observa na poesia em tela. Nos versos finais do poema, observa-se um movimento contínuo de espelhamento em sua construção, uma relação

de constância no *tornar-se* de um sujeito metonimizado: “A mão em eterna construção cai no tempo. / O tempo em eterna construção cai na mão” (Joshua, 2016, p. 16).

No poema citado, o eu-lírico traz essa enunciação do pensamento, podendo dialogar com a perspectiva *decolonial* do conhecimento de si, o que se contrapõe diretamente com o pensamento colonial europeu que se instituiu na historiografia do saber como universal, positivo, objetivo e impessoal, mesmo sendo construído através de uma demarcação de gênero, raça e classe no projeto colonial-capitalista. Pensar a crítica contemporânea e os estudos culturais e de gênero parece ser uma jornada de realocização do conhecimento e do saber, o que propõe substancialmente mudanças tanto epistemológicas quanto metodológicas de análise, como o distanciamento de perspectivas universalistas ou que se instituem como “impessoais”, e a pluralização de bases conceituais do saber pelo compartilhamento de experiências que alteram estruturas basilares, também, do campo teórico.

É importante frisar a importância do estudo das literaturas, sobretudo, enquanto um material estético-literário em que questões de atravessamentos do sujeito enunciador se sobressaem. Nesse sentido, as visões de sociedade estão guiadas pelas marcas de escrita do sujeito e sua leitura de mundo, o que está em sentido oposto às universalizações, mesmo internamente em seus territórios. Destacar tal acepção demarca a concomitância não só de múltiplas identidades, mas de múltiplos femininos, especificamente para o nosso *corpus* em questão. No livro *Os ângulos da casa*, tem-se um eu-lírico que expõe um reposicionamento da matéria no seu entendimento de mundo, um corpo que, através da experiência, *reconfigura o saber*. Observemos o poema a seguir:

Há uma sala pequena que leva ao voo  
a cabeça inclina-se devagar  
na sala  
os móveis desarrumados tornam-se imóveis  
diante dos olhos e suas veias  
na estante, o tempo róí o dorso do osso  
Ai! Que vem a ser isto?  
Os móveis mobilizaram suas energias para um ser tão pequeno e  
quase sem alma.  
Sim, diga-se *petit* ou minúsculo tanto faz.  
Aqui nomes não alteram a combustão do solo.  
A terrena condição, fusão da química e física ou electrões e a  
gravidade. Bem se vê: a verdadeira gravidade é a porta que canta  
com tons graves a aguda substância da existência. E quem aí está  
para ouvi-la?  
Quem aí está para senti-la? Os dedos se foram, a cabeça se foi,  
toda biologia se foi. Toda ciência se foi. Resta a <<aicnêic>>, cá

por mim o inverso vale, se é que a isto podemos chamar de:  
conhecimento sistemático; pondo a coisa motora da metafísica  
abaixo (Joshua, 2016, p. 13).

O termo “aicnêic”, que é citado no poema, explicita uma contraposição da noção de ciência/conhecimento ocidentalizada no eurocentrismo. Há uma porta que se mostra aberta para concepções que questionam ou que abordam a construção do conhecimento a partir de outras bases epistêmicas. Assim, imagens propostas no poema como algo que leva ao *voo*, marcando um movimento de liberdade; o *tempo* que passa devagar, marcando o corpo; a *combustão do solo* como um momento de ação, ebulição do espaço, da terra, entre outras, constroem um imaginário de transgressão do eu-lírico. Essas imagens nos provocam a refletir um momento de virada, de ação do eu-lírico que se mostra em movimento e mudança. Seu voo se anuncia, lembrando as marcas de um tempo vivido. Seu corpo é seu espaço, assim como a terra em que vive.

Voltando aos versos “a verdadeira gravidade é a porta que canta / com tons graves a aguda substância da existência”, observa-se uma reflexão sobre o existir no mundo amparado por marcas da tradição, como o som grave que se evoca nos tambores. Uma das definições do verbete *gravidade* é: “força de atração que a Terra exerce sobre um corpo material colocado sobre sua superfície, em seu interior ou em sua vizinhança” (Houaiss, 2009, p. 988). No poema, tal palavra funciona como uma volta à matéria, à existência, visto essa como a sua voz de enunciação que canta e abre caminhos. Ao longo da análise do poema, o eu-lírico constantemente realiza esse ato cambiante entre o individual e o universal, o eu e o todo, porém, concebendo esse último a partir de uma epistemologia própria, que considera questões como geopolítica, raça, gênero, classe, sexualidade e demais categorias que se constituem em diálogo com o território, memória e tradição. Sua virada de liberdade, de movimento, sinaliza a provocação de algo que foi visto como um conhecimento instituído. Construindo um diálogo com as perguntas citadas por Curiel neste estudo, “como produzimos conhecimentos? Essa produção é feita de acordo com que projeto político?” (Curiel, 2020, p. 131). No contexto da literatura moçambicana contemporânea, é a inversão da lógica universalizante que parece ser problematizada no poema, trazendo novos prismas de acepção do mundo.

No terceiro poema trazido para análise, a autora escreve:

Se for para entrar entremos com o corpo todo e depressa.  
Leais à Terra e ao fragmento da Humanidade. Entremos sem

recuos no instante terrestre.  
 Ai dor suprema.  
 Ai cor invisível. Indivisível.  
 Se for para entrarmos entremos com a unha toda e a tola  
 magnitude de sermos estrangeiros. Espelhos, de dentro iniciamos:  
 - dividimos o escuro e separamos as águas.  
 Se for para entrarmos entremos com o corpo todo e depressa e  
 usando a porta da frente (Joshua, 2016, p. 20).

No poema acima observamos um deslocamento da categoria do espaço. Neste já não se apresenta mais uma ambientação dos cômodos da casa enquanto espaço metafórico como em outros poemas da obra. O espaço anunciado no primeiro verso do poema é o mundo. Contudo, cada parte desse todo também é um todo em si. Assim, o espaço singularizado – seja na nação, na cultura ou no próprio corpo do eu-lírico – e subjetivado também contém sua totalidade ao dialogar constantemente com aquilo que lhe é externo. É possível perceber, no diálogo com os demais poemas de Joshua abordados neste estudo, que a relação cambiante entre o ser e o mundo, entre o todo e o fragmento, está em constante negociação como um *locus* de construção. Na perspectiva pós-colonial da crítica, Mbembe (2019) traz elucidacões sobre a consciência de si, algo que podemos trazer como aporte para análise do poema:

A consciência do mundo nasce da efetivação daquilo que já era possível em mim, mas através de meu encontro com a vida de outra pessoa, minha responsabilidade diante da vida de outra pessoa e dos mundos aparentemente distantes e, acima de tudo, das pessoas com as quais aparentemente não tenho nenhum laço – os intrusos (Mbembe, 2019, p. 88).

O autor destaca essa reflexão ao trazer ao relevo a articulação existente entre o pensamento pós-colonial e o pensamento afro-moderno, oriundos dos Estados Unidos e Caribe, que se apresentam como “um pensamento do *intermediário* e do *entrelaçamento* [...]”. Nessas condições, ‘retornar a si’ é antes de tudo ‘sair de si’” (Mbembe, 2019, p. 86, grifo do autor). Se relacionarmos tal reflexão com o que é dito pelo eu-lírico no poema em análise, o lugar *intermediário* ou de *entrelaçamento* ocupa uma posição latente do sujeito poético em sua relação com o mundo. A temporalidade da experiência com o passado, que se conecta com a ação do presente em reorganização do que será no futuro, destaca as dores provocadas pelo projeto colonialista: “Leais à Terra e ao fragmento da Humanidade. / Entremos sem recuos no instante terrestre. / Ai dor suprema” (Joshua, 2016, p. 20). Ainda nessa esteira, Mbembe (2010) chama a atenção sobre a construção de universalidade e de inscrição no mundo:

a colonização não aparece mais como uma dominação mecânica e unilateral que força o sujeito ao silêncio e à inação. Pelo contrário, o colonizado é um indivíduo vivo, falante, consciente, agente – e sua identidade é o resultado de um movimento triplo de arrombamento, apagamento e reescrita de si (Mbembe, 2010, p. 85).

Assim, na literatura pós-colonial, observa-se um movimento de reorganização do sujeito poetizado, implicando-se no mundo em um movimento triplo, que pode dialogar com o sujeito mencionado por Mbembe: um *arrombamento* (do mundo), um *apagamento* (das construções essencialistas e de estereotipagem construídas pelo projeto colonial nas categorias do gênero, raça, cultura, território) e *reescrita de si* (pelo viés autônomo do sujeito que se enuncia no texto poético). No caso da poesia de *Os Ângulos da casa*, observa-se uma reflexão sobre si, a partir de um questionamento das relações de poder que envolveram os processos de definição dos sujeitos, sobretudo, que passaram por projetos coloniais e seus desdobramentos até a contemporaneidade. No âmbito dessas relações de poder e seus efeitos, é válido trazer ao estudo o que diz Catarina Martins sobre as produções discursivas em *Mulheres, Raça e Etnicidade*:

[...] também as identidades e a respetiva substância semântica resultam de uma produção discursiva que permite fazer sentido das experiências sociais e do mundo material (que, obviamente, existe para além da representação). Tanto a estabilidade quanto a dinâmica e a evolução das formações discursivas são efeitos das relações de poder nas sociedades e da concorrência e disputa entre discursos e os agentes sociais a eles associados, **em estreita relação com a configuração do saber num determinado momento** (episteme) (Martins, 2024, p. 32, grifo nosso).

Diante disso, a partir da presença de um *eu* coletivo no poema marcada pela voz que se enuncia em primeira pessoa do plural, observa-se, no campo lexical dos versos, palavras ou imagens que produzem um cruzamento de significados a partir de uma noção de compartilhamento e identidade no espaço vivenciado: “Ai cor invisível. Indivisível. / Se for para entrarmos entremos com a unha toda e a tola / magnitude de sermos estrangeiros. Espelhos, de dentro iniciamos” (Joshua, 2016, p. 20). Quando dialogado com o que foi citado por Martins (2024) acima, o trecho do poema proporciona pensar como essa relação de se enxergar/*espelhar* no outro se correlaciona com as produções discursivas, não sendo estas estáveis: a partir de uma compreensão de si na sua relação de alteridade de um sujeito poético coletivizado há um caminho ou

busca de um sujeito individual, e nessa relação cambiante reconfigura-se as construções do saber, questionando as relações de poder associadas.

### **O corpo lírico desejante na escrita de Lica Sebastião**

Lica Sebastião é uma poeta moçambicana, além de professora, artista plástica e membro do “Núcleo de Arte”, em Maputo. No âmbito literário, possui livros de poesia publicados em Moçambique, Portugal e Brasil, a saber: *Poemas sem véu* (Maputo, 2011), *Ciclos de minha alma* (Lisboa, 2015) e *de terra, vento e fogo* (Brasil, 2015). A autora apresenta em sua poética um lirismo carregado de uma complexidade intimista, em que é notória a correlação crítica entre o lugar subjetivo e sua relação com o outro, ou seja, o trabalho minucioso da lírica entre a identidade e a alteridade em constituição mútua. Teresa Manjate reflete sobre a poesia lírica como uma obra que atua em articulação com dois polos distintos do “eu”:

Há um conceito que une os dois polos do ‘eu’ na poesia lírica que tanto a abordagem retórica como a abordagem fenomenológica levantam: é saber como a identidade e a alteridade se revezam: afinal o ‘eu’ é um outro – como o sujeito que se enuncia como indivíduo e, simultaneamente, se abre ao universal por meio da ficção – e não somente porque os poetas se afirmam, enquanto homens do universal (Manjate, 2015, p. 97).

Nesse sentido, há um movimento cambiante de voltar-se pra si para o encontro também com o externo. O próprio “eu” do sujeito lírico é um eu construído, mas que dialoga com o sujeito que se enuncia na escrita. Na poesia de Lica Sebastião, começamos a traçar uma relação que é concomitantemente e constitutiva entre a ficção e o real, compreendendo os atos de construção por parte da relação de identidade-alteridade entre a poesia e o mundo. Por isso, a relação intimista *egocêntrica*<sup>29</sup> não nos leva a um entendimento de distanciamento do mundo na poesia lírica, pois é por meio desse movimento de encontro com o “eu” biográfico, ou o sujeito empírico, que se recria uma concepção sobre o mundo a partir do literário: “a relação entre a postulação autobiográfica e a ficção passa por essa dupla intencionalidade. Há uma sugestão [no texto de Lica] de uma dualidade do Sujeito lírico com o Sujeito

<sup>29</sup> Manjate (2015) retoma os estudos de Carlos Reis sobre a poesia lírica, quando este aponta propriedades dos textos líricos que, além de apresentarem, de acordo com o autor, uma “atitude marcadamente **subjetiva**”, são regidos “pelo princípio da **motivação**”, e “concretizam um processo de interiorização, centrado num sujeito poético eminentemente **egocêntrico**” (Reis, 2013, p. 226, grifo do autor). Partindo dessa concepção da poesia lírica, Manjate sobre o texto de Lica Sebastião destaca que a autora “coloca no centro um determinado universo do *eu*, numa captação sensorial que favorece a configuração de um universo íntimo eivado de emoções e experiências afectivas” (Manjate, 2015, p. 94).

empírico, universalizando-o” (Manjate, 2015, p. 95). Entende-se, então, na poesia em estudo, que a sua lírica é política em seus diversos âmbitos de experiência íntima, constituindo-se ciclicamente na escrita:

A madeira à árvore, a luz ao sol, a onda ao mar,  
o canto à voz, o corredor à casa.  
E o túnel faz um fundo convexo em mim  
nesta longa espera (Sebastião, 2015, p. 39).

No poema acima, as imagens trazidas sugerem uma relação cíclica de movimento e caminhos a serem trilhados. Os verbetes “madeira”, “luz”, “onda”, “canto” e “corredor” traçam esse movimento por onde se concretizam as ações, a não fixidez dos elementos, trazendo uma organicidade pulsante que constrói a sua propagação. No penúltimo verso, recuperando essa imagem explícita de um caminho, o eu-lírico nos apresenta um *túnel* que se direciona para o retorno a si, dilatando a sua relação de espaço-tempo. O eu-lírico se direciona para si intimamente, ao mesmo tempo que reflete o outro, proporcionalmente. A voz do poema, portanto, nos diz que o caminho para refletir o externo é o aprofundamento de si, criando uma imagem *convexa* do todo. É válido lembrar que, no poema, temos a abertura de pensar esse *outro* ora como um sujeito individualizado, na relação com o amor e o afeto, ora como um *outro* amplificado na relação com o mundo.

Poderíamos, assim, refletir o espaço do *corpo* como um espaço de autoconsciência e enunciação. No texto de Curiel (2020), a autora retoma a raiz afro-americana a partir do que postula Patricia Hill Collins, quando traz em destaque a questão do ponto de vista e a experiência como uma autoconsciência que reprograma a construção do saber. Nesse sentido, a autora destaca dois pontos propostos por Collins que são fundamentais para tal perspectiva: as “**Experiências político-econômicas**” e “**Uma consciência feminista negra sobre a realidade material**” (Collins, p. 131, grifo da autora). Com isso, ressalta-se o poder da experiência para falar de si, demarcando um *locus* de enunciação desse sujeito poético visto no poema citado.

Observa-se a escrita de Hironcina Joshua e Lica Sebastião como poéticas que atuam em um questionamento e reconfiguração da produção do saber, seja do entendimento de si seja do mundo enquanto território político de existência. Como postula Curiel, “a proposta decolonial propõe um abandono da colonialidade do poder, do saber e do ser, justificativa da retórica da modernidade, do progresso e da gestão

democrática ‘imperial’” (Curiel, 2020, p. 134). Na poesia de Lica Sebastião, esse abandono do prisma de colonialidade se efetiva como uma instância de movimento entre o ser e o outro, tendo como constituição basilar o intimismo, o afeto, o erotismo, a subjetividade, para estabelecer uma outra concepção de mundo e do existir. Assim, é válido trazer para reflexão o que destaca Leite (2009) sobre o descentramento do sujeito poético no contemporâneo, visto que “o deslocamento é também de gênero, como no caso das novas dicções femininas, em que se revelam, de forma não convencional, a emoção e o desejo de uma mulher sujeito, enquanto diferença e conquista de um lugar individual-social” (Leite, 2009, p. 17).

Demolir, destruir, separar;  
Possuir, unir, conquistar.

Quero-te na leveza do teu ser.  
Não posso conquistar-te porque a mim tal não pertence,  
nem destruir que não me cabe o destino alheio,  
tão pouco possuir que a liberdade é a essência da vida.

Se repousares no meu ombro,  
afago-te as asas  
antes de um outro voo (Sebastião, 2015, p. 27).

No poema acima, a noção de liberdade proposta é reorganizada e redimensionada. A partir do paralelismo da primeira estrofe, os verbos indicam ações que se antagonizam. Na relação das duas primeiras estrofes, o poema constrói uma suspensão no tempo-espaço, onde o eu-lírico reflete a liberdade como uma instância de leveza, sinalizada com o verso de abertura da segunda estrofe: “Quero-te na leveza do teu ser”. A voz do poema sinaliza a sua relação latente entre o desejo e sua autoconsciência de liberdade que se constrói na relação dialógica da alteridade. Assim, o posicionamento do eu-lírico se localiza entre o *ter* e o *não ter*, um instante de entre-meio que se confirma nos últimos versos do poema: “afago-te as asas / antes de um outro voo”.

Observa-se que a temporalidade cíclica aparece recorrente na poesia de Lica Sebastião, marcada nos dois poemas apresentados neste estudo. Tal ciclo, ou retorno, contudo, longe de ser uma mera repetição no tempo, edifica-se como um deslocamento espiralado entre o eu e o outro, ou entre o eu e o mundo, reorganizando seu prisma de compreensão de categorias existenciais do sujeito, como o desejo, a liberdade, a alteridade e o conhecimento. Nesse segundo poema em análise, o eu-lírico parece propor uma reescrita das relações humanas com o meio. Longe da estrutura colonialista do projeto modernidade/capitalista, o *eu* reconfigura o bem viver. Há, portanto, um

cuidar entre desejo e liberdade, buscando as reconstruções dos afetos e da existência. Novamente, tal acepção pode ser direcionada para um olhar individualizado no eu-lírico, bem como metaforizado na relação entre sujeito e sociedade.

Por fim, observa-se, no poema a seguir, a literatura como um território construído, ou na esteira da construção metafórica do espaço, a literatura como *casa*, que é composta em uma temporalidade cíclica:

Os versos que te escrevo,  
porque outro recurso não tenho de tos dizer,  
edificam uma moradia  
para as minhas emoções.

Um quarto triangular decorado com folhas do fim do Verão;  
recordar todas as coisas intensas que vivi.  
Uma sala com candeeiros de vidro;  
As visitas tardias que me fizeste, como um noctívago perdido.  
As músicas que ouviste na vida e que te tornaram homem.  
Um atelier.  
Para me veres pintar retratos de gente e de bichos.  
Uma varanda.  
Beijar-te as mãos de olhos fechados,  
pedir a Deus que tudo isto se renove (Sebastião, 2015, p. 69).

O texto acima poderia ser posto em diálogo direto com a organização dos primeiros poemas de Hírdina Joshua, em *Os Ângulos da casa*, pois há, subdivididos no poema de Lica Sebastião, espaços da casa em que o eu-lírico recorda: o quarto, a sala e a varanda. Além disso, na primeira estrofe, observa-se que outro espaço é poetizado pela voz do poema: a literatura. Esta é tida enquanto um território de enunciação: “Os versos que te escrevo, [...] / edificam uma moradia” (Sebastião, 2015, p. 69). Assim, há uma enunciação que se apresenta pelo intimismo lírico do sujeito poético que está em permanente construção, e essa se entrelaça através do desejo, do erótico, da subjetividade. Teresa Manjate (2015), sobre a obra de Lica Sebastião e o entendimento de que o Sujeito lírico é construído, é uma criação, expressa que: “O ‘eu’ lírico, sendo embora uma construção textual, dirige, no entanto, a atenção sobre o sujeito real de quem fala” (Manjate, 2015, p. 98). De tal modo, no poema citado, o eu lírico em negociação com o sujeito real se constrói paralelo ao espaço, ora literário ora do mundo real.

Lica Sebastião apresenta os espaços da casa marcados e vivos a partir dos sentimentos, amores, afetos, desejos e vividos. A espera que se apresenta no poema, assim como em outros presentes nesse livro, relaciona-se constantemente em dois

movimentos: a busca do outro a quem o eu-lírico se direciona, e a busca de si. Freitas (2018) aponta a imagem da casa na poesia de Hírdina Joshua posta como “um símbolo de transgressão de ambiente relacionado ao modelo patriarcal vigente na sociedade moçambicana, nos apercebendo de um novo olhar na formação deste ambiente e articulado aos sentimentos existentes dentro dela” (Freitas, 2018, p. 153). No caso da poesia de Lica Sebastião, tal concepção pode ser também associada a partir do poema citado, em que o corpo lírico feminino subverte esse espaço, preenchendo-o com seu erotismo que não se fecha ao silêncio, tendo a casa como um espaço construído dentro da escrita poética.

Assim, a espera ou ausência são ativas, ressaltam a memória como um alimento que compõe o tempo cíclico, que registram do seu modo o mundo: “Um atelier. / Para me veres pintar retratos de gente e de bichos” (Sebastião, 2015, p. 69). Se pensarmos que as palavras *retrato* e *pintar*, ou seja, tanto a ação quanto o objeto da ação, propõem a reflexão de algo representado e o termo *atelier* propõe o espaço que se constrói a representação, pode-se pensar nesse eu-lírico como uma autonomia de interpretar o mundo. Nesse sentido, Stuart Hall diz que: “Representar *envolve* o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos” (Hall, 2016, p. 31). Desse modo, o ato da representação, como conceituado por Hall, aplica-se no poema tanto ao externo – o mundo retratado pelas mãos do eu-lírico em suas pinturas – quanto ao interno – pela casa/moradia edificada pelo espaço interno da escrita. Há, portanto, a possibilidade de renovação e ressignificação dos espaços e do conhecimento, como destaca Hall: “O sentido é produzido pela prática, pelo trabalho, da representação. Ele é construído pela prática significante, isto é, aquela que produz sentidos” (Hall, 2016, p. 34).

A poesia de Lica Sebastião, em *de terra, vento e fogo*, confirma seu lugar contemporâneo de não conformismo, de resistência, sem precisar atuar de forma direta sobre as reivindicações de seu tempo. Essa característica corrobora com o que destaca Noa (2015) sobre a literatura contemporânea em Moçambique em oposição a uma contemporaneidade vertical e hegemônica,

[a] literatura tem que ser necessária e estruturalmente uma forma de resistência: contra todas as formas de hegemonização e de homogeneização, contra o imediatismo e as acelerações irracionais do nosso tempo, contra o que ameaça a humanidade do homem, contra a falta de imaginação, contra o conformismo (Noa, 2015, p. 30).

Diante disso, os questionamentos e reflexões apontados neste estudo aparecem por meio de construções múltiplas tendo o corpo como uma das categorias centrais que apresentam subversões do feminino ao relatar seus desejos, memórias e redefinições: “O meu sexo é uma casa com nuvens / e finíssimos cursos de água” (Sebastião, 2015, p. 23). As marcas poetizadas do feminino, como o erotismo, a identidade, o corpo e o conhecimento político sobre o mundo estão presentes na escrita forte e insurgente de Lica Sebastião.

### **Considerações finais**

As autoras em tela estão entre as principais vozes expoentes da literatura contemporânea de Moçambique, sendo foco de estudos pela crítica literária, sobretudo, brasileira. Neste estudo, propôs-se refletir a poesia de Hironcina Joshua e Lica Sebastião a partir de um viés de questionamento, desconstrução, reconstrução do saber, do corpo e do espaço, enquanto categorias de análise. Além disso, tais categorias não são, nem podem ser, neutras, seja no âmbito interno ou externo à literatura. Observamos, assim, que as autoras, de formas singulares dentro de seus projetos estético-literários, provocam-nos a pensar sobre reconfigurações identitárias nas sociedades, a partir de um sujeito poético, compreendendo que as noções basilares que abarcam o indivíduo como a voz, identidade, ciência/conhecimento, feminilidade, entre outras, são postas em questão nesse processo, sendo atravessadas por categorias como gênero, raça, território e cultura. Nesse sentido, recorreremos para leitura crítica as contribuições de autores de territórios do Sul-Global para embasar como tais literaturas confrontam a produção do saber, apresentando colocações de um sujeito também ativo e autônomo.

### **Referências**

CAN, Nazir Ahmed. **O campo literário moçambicano**: tradução do espaço e formas de insílio. São Paulo: Kapulana, 2020.

CASIMIRO, Isabel. **Identidades e Representações das Mulheres em África**. Est. Moç. (17), Dez. de 1999: 35-93. Disponível em: [https://mozambiquehistory.net/periodicals/estud\\_moc/17/19991200\\_identidade\\_e\\_repre\\_sentacoes.pdf](https://mozambiquehistory.net/periodicals/estud_moc/17/19991200_identidade_e_repre_sentacoes.pdf). Acesso em: 13 jun. 2024.

CASIMIRO, Isabel; ANDRADE, Ximena. **A Identidade do Feminismo Crítico em Moçambique**: Situando a Nossa Experiência como Mulheres, Acadêmicas e Activistas. Centro de Estudos Africanos, 2007. Disponível em:

<https://nigs.ufsc.br/files/2017/07/A-IDENTIDADE-DO-FEMINISMO-CR%C3%8DTI-CO-MO%C3%87-2003B.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2024.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: VAREJÃO, Adriana et al. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2020.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. Sónia Sultuane e Hirondina Joshua: vozes femininas da poesia moçambicana. In: MACÊDO, Algemira de. et al. (Org.). **Literatura, Intersecções de gênero e outras linguagens**. Teresina: EDUFPI, 2018.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. PUC-Rio: Apicuri, v. 10, p. 24, 2016.

HOUAISS, Antônio; INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**: [com a nova ortografia da língua portuguesa; contém CD-ROM completo]. Ed. Objetiva, 2009.

JOSHUA, Hirondina. **Os ângulos da casa**. Maputo: Fundação Fernando Leite Couto, 2016.

LEITE, Ana Mafalda. **Parágrafos sobre a poesia moçambicana contemporânea**-sonho e violência, viagem e loucura, confissão e memória. *Via Atlântica*, v. 10, n. 2, p. 15-28, 2009.

MANJATE, Teresa. Os desafios dos EUs em Lica Sebastião. In: SEBASTIÃO, Lica. **De terra, vento e fogo**. São Paulo: Kapulana, 2015.

MARTINS, Catarina. **Mulheres, Raça e Etnicidades**: Introdução aos Feminismos Decoloniais. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, 2024.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução a estilística**: expressividade na língua portuguesa. 2 ed. ver. e aum. São Paulo: T.A. Queiroz, 1997.

MBEMBE, Achille. **Sair da grande noite**: ensaio sobre a África descolonizada. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

MENDONÇA, Fátima. A literatura moçambicana em questão. **Discursos: estudos de língua e cultura portuguesa**, p. 37-51, 1995.

NOA, Francisco. **Perto do fragmento, a totalidade**: olhares sobre a literatura e o mundo. São Paulo: Editora Kapulana, 2015.

SCHØLLHAMMER, Karl Eric. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SEBASTIÃO, Lica. **De terra, vento e fogo**. São Paulo: Kapulana, 2015.